

## ALEGRIA BREVE

-por Maria Aliete Galhoz

*Alegria Breve* é um grande livro. No entanto dir-se-ia que nós o aceitamos com certo incômodo, apesar de reconhecermos que é um grande livro. Há razões que chamam a justificação, para a nossa vontade, de um seu desentendimento e que atraem por vezes uma espécie de urgência em o debater. Para sossego de nossas ideias feitas. Para segurança de nossas convicções conformes. Depois, *Alegria Breve* revela-se um livro chocante. É complexo. Parece labiríntico. Tem planos penosos e densos e pelos quais não se poderá passar só com a rápida mirada, superior, ou indiferente, ou entendida, com que normalmente nos bastamos para ler e julgar. Não há em *Alegria Breve* uma cumplicidade à espera do nosso favor e condescendência, não desaparece por uma leitura, continua inteiro, impõe-se vivo, é perante nós um mundo que se levanta com sua totalidade e sentido, vigoroso, sem fraude. Aponta muitas direcções para as suas significações mas não há nenhuma docilidade no que transmite e no que comunica. Seremos nós a interpretar o que for de nossa própria conta, não nos facilita “abre-te Sésamo algum” para as conclusões que desejamos. Torna-se-nos antes um livro de inquietação, traz o perigo de nos desalojar do nosso buraco íntimo de protecção, revela terrivelmente o papelão das paredes com que, de fora, reforçamos esse abrigo. Vem-nos perante ele como que um vago mal-estar, quase um receio de compreender exactamente a impressão funda e tão duradoira que nos causa. Preferimos declará-lo logo muito bom, queremos ficar quites a seu respeito, não pensarmos mais nisso.

Não o conseguiremos. A sua grandeza é autêntica. Há um apelo pungente que é real, uma desfibradora procura que entra também por nós, uma expectativa tensíssima até ao fecho de sua última frase. Conhecida a sua última frase escrita, *Alegria Breve* renova-se como um princípio. A sua memória continua e a sua palavra ouve-se, uma e outra carregada de sentidos que encaramos já com sua verdade interrogativa, dolorosa e de esperança. *Alegria Breve* é-nos assim restituído um ciclo fechado e dinâmico, um todo orgânico e inteligível. O seu gravíssimo peso, a dramatização sombria – e grotesca, por vezes, de tão intensamente olhada de perto, de tão sem descanso debatida -, do seu friso humano, os símbolos excessivos da sua lucidez e da sua ilusão angustiadas, o duro e soberbo realismo em que se fixa, não são mais irrespiráveis, não são de maneira nenhuma destrutivos, não se consomem no sinal vingativo da desolação estéril. É em esperança e em força que se resolve a longa experiência de deserto, de provação, de agonia, que atravessamos com *Alegria Breve*. Encontrar-se-iam sem dúvida razões e motivos bem diversos em que se explicitasse a sua tensão final. Segundo quem as tentasse, seriam de certo modo diferentes mas talvez não seja justo, da nossa parte, especular com elas para que pertençam verdadeiramente à necessidade de quem as procura até as encontrar e entender.

O que não é difícil é abordar *Alegria Breve* como tema de problemática vária, literária e outra. Construído segundo uma espécie de forma global cíclica, verosímil como invenção romanesca, interrogativa na fundamentação motivadora, poético e simbólico também, é um largo campo de sondagem e discussão e são suas deixas evidentes que podemos tomar a nosso jeito com vivacidade arguta e imediata. Organizaremos assim, para nós, um interessante jogo de análise e com respostas correctas na nossa bagagem estudiosa: como classificar *Alegria Breve* dentro das correntes admitidas do romance moderno? Como entender ou como refutar a visão humana que a sua ficção nos propõe? Como teorizar segundo princípios axiomáticos a posição de íntima indagação em que se estrutura? Etc...

Mas a nós o que nos solicita com maior importância é a visão, em bloco, intuída através do mundo que cria. Vem a fazer-nos falta, afinal, um comentário esquemático que

nos oriente sem demasiado aparato mas suficientemente. Poderemos começar por dizer, ou por descobrir, que *Alegria Breve* não é um romance de sentido único. Nem na sua lógica, nem na estrutura formal, nem na convenção narrativa, nem tão-pouco na expressão, o mesmo que é dizer nem no próprio estilo. O fundo e a forma decorrem de um dinamismo, de um choque e de uma harmonização de planos entranhadamente unidos num aparente e só plano. A experiência vivencial, como a evocativa, como a recriadora, como a interpretativa sensível – não é o disparate que poderá parecer! - são obsessivamente vigiadas, propiciadas, traduzidas, repetidas, variando, no enrolar e desenrolar de seus fios. Atingem um climax que pode dilatar-se para muitos lados, desde a observação quotidiana e anódina dos gestos vitais até à alucinação dos gritos que não se reprimem mais na torrente que contêm. Daí como que se comprimem de novo numa inteligência consciencializada, que de si parte para o essencial e o genérico, para voltarem a dilatar-se outra vez, depois, numa significação épica exaltante e numa ressonância simbólica intuitiva e radiante.

Pormenorizado na objectividade, conhecedor e na posse de toda a presença concreta que levanta, mantém uma arrastadora e magnífica composição realista para os enquadramentos e ainda para os aspectos externos da acção. Mas, sempre, a experiência do real e o afrontamento significativo das suas consequências são interiorizadas para poderem atingir o seu maior efeito intencional e comunicativo. Recusando a linearidade histórica do relato-cronologia de só acontecimentos, não caindo na exclusiva medida vertical da sondagem psíquica, afastando a pura nomeação externa e fetichista da superfície dos objectos-coisas, é uma reintegração na totalidade humana. Através da experiência conjunta do conhecimento, da dor e da vontade, procura uma verdade que inclua a medida do seu sonho e o olhar de frente os seus limites de condição. É uma reveladora palavra inteligente e é, também, o obscuro acerto, imprescindível, do amor e das raízes.

Na sua potência tão cerrada e significativa há uma curiosa perspectivação por sínteses descontínuas embora coordenadas a um eixo de presente contínuo, articulado segundo o rigor da lógica mais admissível. Na organização de *Alegria Breve* como romance e na compreensão de *Alegria Breve* como sentido é de grande importância e um dos pólos do seu núcleo (tema, motivação, processo, tensão), a constante do tempo ou uma sua particularíssima sensibilização: vivencial, especulativa, mítica finalmente. Quer a presença, quer a reprodução de testemunho, quer a dilatação atributiva, quer a transfiguradora lúcida loucura de Jaime, a personagem, tom que responsabiliza o tom do próprio romance, são ainda tentação, urgência, modo de traduzir diversas consciências de tempo.

Mas como declarar essas diversas consciências de tempo e como transferi-las de sua brusca evidência sensível para um entendimento através da consciência reconhecadora de outrem, para, de certa maneira, uma mobilidade imobilizadora, para sinais externos, para uma linguagem, em suma? A arte é talvez o enigmático, e dramático!, artifício da invenção de nossas verdades. É através da arte que se podem criar rostos para nossos imperativos e conceitos, como se pode recapitular a vida e, também, organizar o mundo após a significação de cada queda. A arte é uma forma terrível de memória e a língua na qual cada um “ouve” segundo a sua materna. *Alegria Breve* adoptou o signo da arte para a comunicação. É na ficção da arte que se lhe desenha a efabulação da vida e o cenário do mundo, e nessa vida e nesse cenário a memória do homem instaura a sua força.

A memória é outra coordenada na organização e no sentido de *Alegria Breve*. Memória evocativa, memória reflexiva, memória afectiva, memória mítica, divergem, e de novo atraem, em relação a um dado ponto da realidade e do presente, seus vectores diferentes. A memória não precisa mais que do instante, é o instante a sua só medida de tangência com o presente como tal funcionando. Aí se lhe revela uma faculdade de

preenchimento simultâneo, uma intuição global particularmente perfeita e cheia, uma autonomia que decorre livre. Só depois a memória analítica refaz o mínimo preciso de caminho lógico, planta marcos de referência, estabelece uma convenção do devir, que fora no entanto já dado intensamente, mas sem cronologia alguma e por iluminações e hiatos, na sua articulação totalitária.

As diferentes estruturações de memória são tributárias de diferentes categorias de tempo, categorias essas também lícitas, se assim se pode dizer, a partir de instantes propiciatórios, pois que há sempre um ponto, o instante, que desencadeia a ocupação pura de outros tempos sem obrigatoriedade de qualquer medida, salvo a sua própria pulsação e o seu próprio alargamento dramático. No entanto as sequências e as motivações aparecem sempre levantando-se sobre um tempo convencional de uma realidade tomada como a efectivamente durativa na ficção do romance, e poder-se-lhe-ia chamar um primeiro presente de narração. Mas este primeiro presente de narração é já todo ele de complexa orgânica e decifração, curiosamente define-se também como uma espécie de consequência de só instantes: dois momentos críticos precipitadores de todas as memórias que nele vêm atropelar-se, durar lentas, disciplinar-se, tomar corpo e grandeza de realidade ou de mito. Assim, o primeiro e o último capítulo articulam-se de um ao outro sem que especificamente se possam justificar fim ou princípio. Tal processo vem de uma unidade íntima possível, é a condição lata donde partem os seus caminhos e onde acontece a sua verosimilhança. Após a “mise-en-scène” do último capítulo é que o romance começa significativamente a sua intenção e o seu círculo. O primeiro ponto crítico, o mais total, pois que inicia a invenção e reconstrução, através da desesperada esperança, de um mundo recomeçando e amável, é dado com o gesto e a conclusão das últimas frases do livro. Jaime acaba de enterrar Águeda, sua mulher, está só, inteiramente, e disponível, em absoluto. O universo tem apenas três pontos de relação: um homem, numa aldeia onde todos os outros homens são mortos, sobre a terra. Mais nada para significar a sobrevivência, pois se trata de afirmar sobrevivência, e naturalmente que a sobrevivência significada alimenta-se da relação entre esses três pontos e torna insuportável e enorme a simbologia e a dilatação de que se investe. Dentro desses três eixos a memória e a vontade ocupam duas dimensões do tempo e a acção a urgência vital do presente, que é a outra dimensão. O romance corre segundo duas directrizes de mobilidade que abarcam o passado (o jogo da memória evocativa) e o futuro (a vontade e o desejo inventivos) decorre sobre a fixação ao presente. Embora seja a solidão a experiência mais total provada e o clima onde se instaura tudo o resto, não é a solidão o seu resultado mas a comunicação e a confiança. A recomposição de todos os “antes” traz já em si os vectores cujas direcções são a vontade de entendimento e de futuro. Na aldeia deserta a liberdade dos gestos necessários e dos gestos gratuitos ergue-se em face à presença exclusiva da morte, acompanha-a nos passos de rigor determinadíssimo, como se fosse urgente consumir a sua passagem pelo mundo morto para pode iniciar-se a expectativa do que viria, do que teria que renascer de tanta morte. É a tensão que nos parece mais extraordinária de irreprimível desejo e sofrimento: morto, por culpa do homem, um mundo humano, um homem adianta-se para expiar, reconhecer e reconstruir. “Alguém tinha que ficar”. Ao lado da história que aos poucos vai revelando o perfil da aldeia, as vicissitudes de sua transformação e a sua inútil e vazia condenação por abandono, a renovação ressurgue como um rio de forte nascente que não sabe ainda qual será o seu leito mas que sabe que correrá. Há um contraponto alto e comovido e lúcido entre o desastre e o amor, que revela por que Jaime ficou, por que um homem não morto está na aldeia e reconhece a terra e diz de sua dúvida e de seu destino: *“Alguém virá um dia, alguém subirá os degraus de pedra, procurará nos bolsos uma chave. Ou erguerá apenas o trinco e entrará e olhará em volta. Eu assistirei de fora, seria lá um intruso. Alguém olhará para mim que estou de fora, terá um sorriso fraterno sem nada a dizer. E virão outros também, talvez, para outras casas, outras portas. E recomeçarão em*

*silêncio, no entendimento mútuo e grave dos homens. Só terão uma palavra a dizer-me e essa palavra é terrível: - Que fizeste da esperança?"*

A esperança impõe-se-lhe então como um dever sem fugas e o que tem a transmitir para essa esperança está nos gestos humildes de utilidade sem data próxima: *"Tenho de ir compor a porta, antes que chegue a noite. Pego no martelo, escolho alguns pregos. Precisaré talvez de pregos fundos? Procuo a ferramenta, saio à rua",* como está nas palavras com que espera o filho que não sabe se tem mas que *"chegaré um dia inesperadamente a bater-lhe à porta:*

*E eu dir-lhe-ei: entra em tua casa, tu és daqui. Levá-lo-ei a tomar posse da terra, mostrar-lhe-ei as oliveiras, os campos incultos, o horizonte. Ele cerrará os olhos, invadido da imensidade, tocará com as mãos o chão da sua origem. Conhecerá os dias e as noites, as manhãs de sol, as tempestades, a memória – não a memória, para quê? Interrogará a montanha, ficará calmo."*

Não têm destinatário viável, não têm qualquer futuro imediato, parecem palavras gratuitas e líricas para acordarem em nós o eco nostálgico de sua beleza. No entanto não são só belas e só líricas, são outro sentido de *Alegria Breve*, talvez a mais madura compreensão a que todo o livro nos inicia. Não é fácil ao homem instalado no progresso refazer um caminho de identidade e grandeza terrestre, reconhecer os amplos ciclos de que participa e depende, reintegrar-se sem regressão na medida e no cumprimento mais essenciais de sua vida. A fábula da aldeia morta é uma terrível lição para a deliberação arbitrária da técnica confundida à civilização completa e para a fraude dos interesses particularistas enganando, sob o nome de servir e encorajar o bem comum, as desamparadas aspirações dos que não sabem sequer expressá-las. O realismo do problema surge estreitamente ligado aos símbolos impressionantes de suas terríveis consequências extremas. Um impulso de progresso é dado ao ritmo de uma comunidade de teor ancestral, sem dúvida atrasada e precariamente deficitária de recursos. A aldeia progride por um arranque súbito sem ligação alguma com suas características e seus valores próprios, decisões, finalidade e motivos estando em absoluto fora dela e em nada lhe dizendo respeito. Forças argentárias movem-se aí, momentaneamente, baseadas apenas nos índices de rentabilidade dos investimentos feitos. A industrialização da aldeia é, no que se lhe refere, de nenhum futuro, de nenhuma responsabilidade social, de nenhuma verdadeira base humana assumida. Ficticiamente uma transplantação cidadina agita-se, cruza pela aldeia sua atenção distraída, enxerta nela uma vivacidade de movimentação e de drama, até, que a aldeia absorve e sofre e goza às cegas, saída de facto de seu marasmo anterior mas perigosamente desentendida e desentendida na orientação impressa à sua prosperidade. Qualquer motivo, sobre que, cruelmente, nem importa insistir, pois que não há razões a dar, desinteressa da aldeia o financiamento feito, as minas param, as máquinas que ficam enferrujam sem préstimo, os organizadores vão organizar em qualquer outro lado onde a finança o exija, os técnicos vão ser eficientes e precisos em qualquer outro lado onde os organizadores os chamem, outras massas humanas serão concentradas em qualquer outro lado para trabalhar e produzir enquanto a rentabilidade considerada satisfatória para o capital o justifique. Na aldeia assim aconteceu, o progresso não veio, passou, não tinha raízes teve nome apenas.

Há, por seu efeito, uma gangrena aberta sobre a terra e a lenta agonia e abandono que começam. Dá-se uma cisão, tornada inevitável, no mundo que era uma e um deveria continuar a ser na comunidade que a aldeia significava. Aos poucos todos os novos partem, com razão atrás de uma melhoria entrevista. Injustamente são, no entanto, levados a partir, pois deveriam poder ficar, só através deles é que a aldeia poderia continuar viva e eles eram dali. Mas a aldeia vai morrer e eles não podem ficar. A tecnificação da aldeia tivera objectivos nos quais a aldeia não entrara em linha de conta como finalidade, ninguém nem nada os servira a eles, eles é que haviam servido e depois deixado de servir, sem mais. O progresso proclamado iguala-se a rápida decadência num

tempo que dura, contudo, vazio e lento: as vivendas dos engenheiros fechadas, a luz eléctrica brilhando, por esquecimento de a cortarem, em lâmpadas cada vez mais raras, a estrada, que já não liga nada a nada, encovando-se imprestável e inútil.

Ficam, para morrer, todos os velhos, eles não poderiam partir, não têm braços para oferecer onde os outros ainda tentarão, nem forças para serem gastas, nem voz para luta. Ficam para morrer e aos poucos todos os velhos morrem e é pavoroso o grotesco do pesadelo em que se transforma a sua exclusiva presença e o exclusivo acontecimento da sua morte. Foi violado para com eles um direito da vida comunitária que define um estádio moral que é próprio do homem. Os velhos foram privados do seu sentido que é o lugar na família, a memória que transmitem, os valores e conhecimentos com que as novas gerações reconhecem e se reconhecem com um passado. Foi-lhes roubado o respeito a que tinham jus na pequena sociedade orgânica de que faziam parte, foram desumanizados, e a caricatura humana que acabam por parecer é repulsiva e apavorante como uma monstruosidade de crime contra natura.

A tragédia levanta-se, não há contudo fatalidade irremediável atrás dela, há sim uma violência de destino morto por erro e por incúria humanas e por isso a revolta tem que expressar-se com a acção humana e com a afirmação humana. Os deuses, nesta consumação de mal, estão com as vítimas, morrem com os lábios que os pronunciavam, soçobram no mesmo desastre, se todos os homens e com eles a memória humana dos deuses soçobram. Parece-nos que se concentra aqui o segundo ponto, o outro instante que determina *Alegria Breve* como palavra e como sentido. Jaime fica na aldeia pela razão clara e inacreditável de que alguém teria que ficar, é simples e por isso não se compreende, pois parece absurdo na sua verdade. Jaime fica na aldeia não para morrer mas para testemunhar, para clarificar com a inteligência o que vai suceder, para ser a voz que pode dizer as vozes do que é mudo, para nomear os símbolos e identificar os gestos da catástrofe e da reconstrução. Para assumir a memória e a transmissão. Entre isto processa-se também o que os limites da solidão pura criam de substituição total, de obrigatório convívio único em si mesmo, de delírio quer de grandeza quer de pavor. A significação de que se investiu Jaime e os momentos vividos por Jaime passam dentro da sua consciência e da sua decisão sem barreiras, segundo um processo de necessidade ou de associação só suas, rigorosos nas suas consequências míticas ou vitais mas de arbítrio insuportavelmente livre e por isso por vezes raia o desafio da loucura e a especulação destruidora da lucidez analítica obsessiva. No entanto *Alegria Breve* não conclui e o pessimismo conclui, negando em absoluto, matando, portanto, como solução. Jaime não se mata, as duas cenas de reencontro com os homens, na aldeia, com o equívoco que os homens trazem para a sua esperança para a aldeia, são de uma dor, de um desencontro, de um ridículo funambulesco, de uma linguagem desentendida, a tal ponto que o suicídio ou a partida que *não se dão* querem dizer o impulso estupendo de continuação que através dele terá sentido e através de outros terá talvez sua hora. A linguagem e o apelo de Jaime falhou para os outros porque eles não eram dali, quer dizer, ainda quando tendo o conhecimento faltava-lhes o entendimento, quer dizer também, a intuição, o tempo e o amor. Jaime era dali, tinha acedido ao conhecimento mas lutara e firmara-se no entendimento, sabia mais que só os livros, reintegrara-se na escolha de gestos livres, na opção de valores, na dignidade do indivíduo cumprindo-se, na esperença sua para os que virão depois e que para eles se constrói, pois que são filhos dos homens que construíram. O homem, assim, não tem só duração e desespero de finitude. Tem sua dúvida, trabalha, transmite, tem a dimensão da memória e da espécie, tem a medida da inteligência, e a consciência de sua vida, e o direito à dignidade de sua morte. Porque a morte é também uma das condições da esperança do homem, pois que é também uma sua condição que sabe. Não tão desamável quanto a nossa amargura signifique, “alegria breve” é a vida que a morte nos consente. E, no entanto, tanta coisa para a encher que nós nos erguemos até palpamos quase o infinito. “*Suave e longínqua e tão ilícita. Sobe*

*em mim, aperta-me o pescoço como uma criança – a ternura é o mais difícil e enternecemos-nos tanto. Que é que me comove? Como uma árvore, às vezes penso, o homem pode subir alto, mas as raízes não sobem. Estão na terra, para sempre, junto da infância e dos mortos. (...) Voltarão à aldeia todos, ou os filhos deles, ou dos filhos dos filhos, porque o mundo renascerá – voltarão? Perguntar-me-ão depois todos: - Que fizeste da esperança?”*

*Alegria Breve* é um livro de plenitude. Julgo que chega para o classificar com verdade. Quem o ler o sentirá; como passar pelo mundo de olhos abertos e querendo aprender e, finalmente, amar. Poderá acrescentar-se ainda, sem que seja muito preciso, que é um livro de maturidade estética também, que é uma linguagem soberba, que é um português do melhor quilate. Repito, no entanto, que não é muito preciso insistir nisso. Tudo está na sua magnífica plenitude. E na sua tensão. Isto é que importa dizer, pois que não cremos que *Alegria Breve* tenha fechado a palavra de um grande romancista.

(“O Tempo e o Modo”, nº 36 de março de 1966)